

ENTREVISTAS

DIÁLOGO ENTRE ODETTE SEABRA E HEINZ DIETER HEIDEMANN¹

Dieter: A primeira pergunta que nós temos sempre que enfrentar são as frases introdutórias para quem fala sobre trabalho de campo. É aquela famosa frase em que “O trabalho de campo é de fundamental importância para Geografia”. Então essa fundamental importância é o que a gente quer decifrar um pouquinho mais. Todo mundo concorda com essa frase?

AGB: Mas ninguém sabe muito bem por quê...

Dieter: É tão fundamental... O próprio uso semântico de “fundamental” talvez exclua qual a necessidade de falar sobre isso, mas é fundamental, isso todos nós sabemos, não é Odette?

Odette: É... É fundamental, mas nem sempre o trabalho de campo tem ocupado esse lugar de fundamental na Geografia. Na própria AGB teve até um período longo, que o trabalho de campo era uma atividade não tão prestigiada, mas isso é sempre assim com altos e baixos. Tem época que o trabalho de campo de fato ganha proeminência.

Dieter: Mas se a gente fala da AGB dos anos 40 e 50...

Odette: Sim, aí era muito trabalho de campo, mas quando chegou na década de 60, embora até existisse, não mobilizava como no período anterior, ou até como mobiliza hoje.

¹ Entrevista realizada em abril de 2011 por Anaclara Volpi Antonini, Fernanda Pinheiro da Silva, Léa Lameirinhas Malina e Marcela Pereira Dias.

AGB: Percebemos que há um período em que não é possível recuperar a prática do trabalho de campo na AGB, não sabemos bem o porquê.

Odette: É, eu também não sei, mas podemos especular. Constatou-se que existe esse interregno mesmo e ele corresponde à década de 60, no final, segunda metade, mais lá para 68, 69, 70... Até aquele encontro de 72 da AGB, que foi em Presidente Prudente, ali tinha o trabalho de campo com importância mas as pessoas não iam, não eram todos os indivíduos que participavam. Em 74 ainda está nessa fase de que tem esse intervalo difícil, mas hoje dá para perceber o que acontecia com certa nitidez, o que acontecia na década de 60 e foi caminhando pela década de 70. A Geografia tinha, como todas as Ciências Humanas, um impulso de transformação, e era um impulso de transformação que na Geografia ganhou um certo contorno, mas na verdade era uma transformação nas Ciências Humanas. Primeiro o funcionalismo, depois o estrutural-funcionalismo, ao chegar nas Ciências Humanas tem um grande deslocamento de ideias e de concepções para depois o próprio estrutural-funcionalismo cair numa vertente de análise crítica, mas demorou... O estruturalismo consistia, num primeiro momento, em como as formulações do Althusser chegavam às Ciências Humanas no modo geral (à Sociologia, Política, Geografia, História). O que queria Althusser? Queria fazer uma transposição das categorias do materialismo histórico dialético para o conjunto das disciplinas, que corresponde àquela árvore kantiana do conhecimento. E Althusser, que era um marxista, veio com muita força na década 60 e deslocando isso como sendo de fato o funcionalismo nas Ciências Humanas, querendo trazer uma concepção materialista e dialética, segundo seu ponto de vista, para as Ciências Humanas. Depois de um tempo já se começava a dizer: “Esse materialismo dialético nas Ciências Humanas entrou pela porta da cozinha porque entrou com Althusser”. Hoje eu acho que ele levantou a bola corretamente, mas ele não tinha

condições e não poderia ser um projeto pessoal. Tem um livro do Eric Hobsbawm, “Tempos interessantes”, que achei que foi o melhor livro para descrever a figura do Althusser, como era importante e como é sem importância ao mesmo tempo. Voltando para o trabalho de campo, numa situação como essa o pobre do trabalho de campo é assumido, dito, decantado para os alunos como o empirismo, como um exercício empirista da realidade. A questão era conhecer de fato as categorias da história e lidar com elas.

Dieter: Ao mesmo tempo tem internamente na discussão disciplinar uma forte crítica a conceitos e procedimentos da Geografia Regional, da discussão de paisagem...

Odette: Vai para tudo, não é? Tanto que vai haver um resíduo, uma resistência na França com a história da paisagem, mas como a paisagem era a descrição precisou haver um avanço da fenomenologia para recuperar a essência da paisagem como um momento geográfico, mas isso seria ainda depois. Nós fazíamos trabalho de campo nos anos 1960, quando eu era estudante, mas ele não tinha o peso que tinha anteriormente porque o foco na Geografia era procurar categorias para discuti-la com uma abordagem relacionada à noção da totalidade, por uma outra vertente de sistema, de história. Nessa época essa discussão já estava atravessando completamente o conhecimento. Então não é que o trabalho de campo não existisse, ele até continuava existindo, mas ele não é o primeiro momento do conhecimento, como foi.

AGB: Nos encontros da AGB os trabalhos de campo eram expedições?

Odette: É... Eram expedições, acho que essa palavra é correta mesmo, era uma exploração, uma busca, não é nem do conhecimento, mas do reconhecimento do território.

Dieter: Que acompanhava inclusive a estratégia de sediar os encontros nacionais da Geografia nos diversos cantos do Brasil, além de estarem de uma forma reduzida porque sempre tinham poucas pessoas. A gente sempre tem de lembrar que não tem nada a ver com um encontro nacional de Geografia com três ou quatro mil pessoas... Um grupo, se chegasse a 100 pessoas, já era muito grande. Então esses encontros também tinham como pano de fundo a pesquisa de campo e a exploratória, para conhecer melhor aquelas regiões. Isso tanto na AGB, como no IBGE ou na UGI (União Geográfica Internacional). Em 1956, em um encontro no Rio de Janeiro, a UGI organizou e publicou grandes trabalhos de campo por diversas partes do Brasil, que inclusive trouxe a vantagem, ou pelo menos a troca de ideias, de trazer os geógrafos europeus e americanos para discutir conceitos da Geografia.

Odette: E foi interessante porque resultou no conhecimento de determinadas áreas do território nacional, como por exemplo aqueles trabalhos no Vale do Paraíba.

Dieter: Certo... Num encontro já em 49, né? Em Lorena...

Odette: O que o Ari França escreveu, o Aziz escreveu... Depois nós temos a tentativa da Geografia querendo se constituir como uma disciplina teórica, mas o seu diferencial é a abordagem do território e tem um esforço muito grande de construção de categoria teórica da Geografia, o Milton Santos aí tentou muita coisa. Mas antes, paralelamente e depois dele, tem o esforço de muita gente. Lembrei dele porque foi ele quem mais publicou. Eu me recordo que, quando ele chegou aqui na universidade, não dava a menor importância ao trabalho de campo, ele achava até engraçado porque ele tinha assumido aquele problema da década de 60, em que a Geografia precisava de encontros fortes, teóricos... E nós achávamos que sim, mas a particularidade do conhecimento geográfico seria talvez esta abordagem da dimensão

prática do mundo. Você vai procurar as práticas, as experiências, muito mais do que as paisagens, mas depois a paisagem volta com outra roupagem, eu acho. Quando nós conseguimos compreender melhor teoricamente a formação social, os processos, a paisagem volta. E volta de uma maneira interessante, tanto que é bem diferente lidar com a paisagem sobre estas premissas do que a forma como foi lidado nos anos 20 e 30.

Dieter: O trabalho de campo é fundamental, eu acho, porque ele liga aquilo mesmo com essas etapas que a Odette fala. Ele liga o movimento da sociedade, o movimento do mundo empírico com reflexão teórica, com esse debate conceitual que ganhou na década de 60 para 70 essa ênfase. Mas a gente sabe muito bem que nem podemos avançar com a teoria se a gente não tem uma visão do movimento da sociedade. Então a respeito do trabalho de campo, ou qualquer atividade de pesquisa empírica, a gente ainda tem que distinguir quando fazemos se é para avançar com uma pesquisa ou como uma atividade de formação do professor de Geografia. São preocupações diferentes. Mas para a pesquisa, vamos falar dela, não tem como construir um conhecimento se a gente não ficar atento ao movimento da sociedade, porque o não entendimento do movimento da sociedade implica no congelamento das categorias. A gente precisa sempre ficar nesse movimento entre o empírico e o categorial para poder repensar criticamente tanto o empírico como o aparelho conceitual.

Odette: A sua observação é correta, o que é essencial, porque o conceito é dado, mas o conceito tem de ser verificado historicamente.

Dieter: E repensado...

Odette: A construção do conceito é diferente do que a idéia do conceito como conhecimento formal, absoluto, que se aplica. Então a construção do conceito no plano da abstração teórica é

fundamental para poder aproximar-se da realidade e o trabalho de campo é essa aproximação com a realidade.

AGB: Lá para o final da década de 70, com os acontecimentos que tanto relembramos até hoje, de 78/79, com as ideias de renovação, essa discussão sobre trabalho de campo era feita nesse momento? Havia um entendimento do modo como vocês estão colocando?

Odette: Não. Nós estamos fazendo uma reflexão à posteriori, o que é muito mais fácil. Naquela época a nossa briga era o que era a Geografia Crítica, o que nós vamos chamar de Geografia Crítica, essa era a nossa questão...

AGB: Como entrava aí o trabalho de campo?

Odette: Ele acontecia porque a Geografia tinha como pressuposto essa aproximação com o mundo empírico. Isso é uma predisposição da Geografia. Então eu creio que vem lá da divisão da História e da Geografia. É um assunto que eu não conheço muito bem, mas é um debate lá da Escola dos Annales. Os historiadores queriam se separar da Geografia.

Dieter: O trabalho de campo é antigo desde a institucionalização, e muitas vezes na discussão na Geografia, quando a gente vai mais longe do que 1950 e 60, quando a gente até vai falar do final do século XIX, eram exatamente as discussões no ensino das escolas fundamentais, do ensino fundamental. Os professores desenvolveram o trabalho de campo e também fizeram as suas reflexões sobre ele. Então tem muitos estudos sobre as técnicas: como fazer o trabalho de campo; não sempre reflexões sobre essa relação entre teoria e ensino prático, mas sobre o trabalho de campo naquela época tinha muitas reflexões. Aliás, o conceito de paisagem vai se impor

naquele período em oposição à discussão da região, a partir das discussões no ensino de escolas de ensino fundamental. Aí eles dizem que tem de sair da sala de aula, que tem de fazer o que hoje a professora Nídia Pontuschka chama de “estudo do meio”.

Odette: O estudo do meio é trabalho de campo.

AGB: Como pensar essa mudança do trabalho de campo nos encontros da AGB, em um momento em que eram expedições para se conhecer o Brasil, para o que se faz hoje? Por que mudou muito?

Dieter: Olha, eu sempre tinha a impressão de que na década de 30 e 40 era para eliminar manchas brancas no mapa do Brasil. Precisava-se construir um conhecimento empírico do Brasil e como a Geografia Institucional nasceu em São Paulo e Rio de Janeiro, era mais importante ainda para conhecer outras partes do Brasil que em geral os paulistanos e os cariocas desconheciam e não levavam muito em consideração. Quando eu cheguei ao Brasil, na década de 70, achava que os paulistas e os cariocas tinham revelado, vamos dizer, uma certa ignorância sobre outras partes, um conhecimento prático do Brasil. Claro, os viajantes e os grandes cientistas tinham esse conhecimento, mas quando a gente falava com os estudantes, eles não tinham como vocês hoje têm a forma de “mochileiro” para viajar pelo Brasil. Estou falando na atividade de viagem mesmo, porque tinham os nordestinos com a tradição dos emigrantes para São Paulo, eles tinham mais conhecimento do território brasileiro do que o paulista que estava aqui para recebê-los, assumir o assim chamado êxodo rural. Então isso foi uma inversão, mas eu acho que toda essa discussão importante que a Odette fala também tem essa transformação que se dá em que o paulista começa a sentir a necessidade de conhecer mais o Brasil. Mas não estou falando de grade curricular.

Odette: É verdade. E também mudam os meios, que se multiplicam. As possibilidades são muito maiores. Essa figura do “mochileiro” é completamente nova. Quando eu era estudante nós saíamos, mas não era nunca para trabalho de campo. Mas nós estávamos descobrindo: o que mais se discutia nos anos 60, o tema, era industrialização. E as indústrias do plano de metas estavam se implantando, o compartimento mais moderno da indústria automobilística, por exemplo, e isso que mobilizava força de trabalho no Brasil todo. Então, pelo menos duas a três vezes por ano a gente andava lá pelo ABC, Osasco... E nessa época você ainda ia para São Bernardo, chegava no lugar; ia para Osasco, chegava em Osasco, porque não estava grudado. Eram núcleos que eram centros de municípios, que eram pequenas cidades. Então, o grande tema dessa época era a industrialização, por analogia à industrialização da costa leste dos Estados Unidos, à industrialização do Baixo Reno, enfim, era isso. E nós tivemos que dar conta em pouquíssimas décadas do fato de que a população ficou urbana, pois ela era rural. Então, quando eu dava curso de São Paulo, os alunos estranhavam, porque em 1950 São Paulo era uma cidade caipira. Ela aparece já com pujança no quarto centenário. Só se ouvia música caipira, se vestia com o que vinha da roça, porque era assim, era uma avalanche de gente chegando, sem o tempo de aculturação, enfim, tinha uma outra síntese aí sendo elaborada. Esse período aí é muito interessante.

Dieter: Agora, nos cinemas do centro da cidade, da avenida São Luís, os visitantes achavam que estavam em Paris ou em Hollywood.

Odette: Sim, o Pierre Monbeig, por exemplo, nos anos 50, quando ele estava aqui, falava que estar nesse lugar é estar “up to date”, ou seja, é estar na onda... Frequentar esses cinemas... Tinha um nome, eu não me lembro mais, no Rio era a Cinelândia, aqui devia ser a São Luís e a Ipiranga com a São João. Então, no meu próprio trabalho, eu delimito um tempo em que para São

Paulo, a cidade, convergiam todos os processos na formação da metrópole. Bom, então voltando, o trabalho de campo não é, ele sempre teve um estatuto diferenciado dentro da AGB e no Departamento de Geografia, por exemplo, nos currículos. No nosso curso teve uma época que não tinha trabalho de campo porque não tinha dinheiro. A gente programava mas o dinheiro não saía. Mas na AGB não, pois dentro dos eventos o trabalho de campo sempre foi preservado, ora com mais importância, ora com menos... Eu acho, por exemplo, naqueles trabalhos quando fizeram o estudo aqui da região do vinho e depois aquela excursão em Penedo... São coisas importantes dentro da AGB e era uma grande motivação o trabalho de campo, não é?

Dieter: Hoje o que nós observamos na disciplina Trabalho de Campo é uma fragmentação muito grande. Tem um professor [DG-USP] que é responsável pela disciplina e ele toca esse trabalho conforme suas próprias concepções. Não sei se a Odette ainda viveu assim um preparo coletivo do trabalho de campo no Departamento. Porque hoje há uma diferença de AGB e Departamento, enquanto o Departamento faz essa individualização da disciplina, a AGB, como a gente mesmo praticou isso, tem uma coletividade de preparar o trabalho de campo. Eu acho que isso também já existiu aqui. O Pasquale Petrone e mais outros professores juntaram-se para desenvolver uma grande excursão.

Odette: Experiência mesmo, não é? Eu participei, que eu me lembre, pelo menos dessa do Vale do Paraíba, que era com Aziz, Petrone, a Nice Lecoq Müller, os professores de cartografia. Ia um professor de cada área e tinha um período de estudo com a bibliografia e o enfoque era regional. E tem muito debate nesse caso, porque o Vale do Paraíba, do ponto de vista até fisiográfico, se separa, então acaba funcionando como uma unidade. É tão complexo esse debate que eu penso até que se escolhia lá para isso, ficava liquidada a questão da região. Agora me lembro que

particpei de uma outra conversa que foi sobre a Baixada do Ribeira. Belíssimo trabalho do professor Petrone. Ele tem uma tese sobre o Vale do Ribeira. Muita coisa interessante...

Dieter: O professor Petrone também fez um trabalho de campo para o Nordeste. Era só ele, ou era também, uma atividade coletiva?

Odette: Era coletiva.

AGB: Tinha uma preparação anterior de estudo?

Odette: Ah tinha! Sabe como é estudante, né? Não quer dizer que eu tenha lido tudo que mandaram, não é nada disso. Mas tinha uma bibliografia levantada que depois ao longo do tempo eu fui lendo... Naquele congresso da UGI de 1956 tinha muitos trabalhos sobre o Vale do Paraíba que eram indicados para esse trabalho de campo. Claro que eu não sabia. Inclusive esse aí do Petrone.

Dieter: Então, acho que isso é uma coisa a prestigiar, inclusive futuramente manter na AGB, se diferenciando dos cursos de Geografia. Não sei, porque não tenho muita esperança que os cursos de Geografia retomem essa atividade coletiva. A gente está cada vez mais individualizado, fragmentado, tanto professor como estudante. Grupos de estudos permanentes são coisas cada vez mais raras.

AGB: Vocês deram a disciplina Trabalho de Campo por muito tempo na USP. Como pensar o trabalho de campo como ferramenta de ensino, no encontro...

Odette: Era uma disciplina da graduação, eu dei vários anos. Dei com a Amélia Luisa Damiani.

Dieter: Foram experiências muito interessantes em São Paulo, né?

Odette: Alguns lugares aqui de São Paulo nós vasculhamos um pouco. Você vai atrás da bibliografia que você conhece, e vai redefinindo seu conhecimento no trabalho de campo. Durante alguns anos andei com os alunos pelo vale do rio Pinheiros. Pegávamos o trem e descíamos em Jurubatuba. De lá pegávamos um outro trem que não existia em mapa nenhum. Com vagões e assoalho mal conservados de maneira que mesmo com as tábuas, era possível ver as pedrinhas do chão. Chegávamos até a beiradinha da represa. Era muito interessante. Eu tenho boas lembranças e creio que os alunos também. Por exemplo: esse trem, nos mapas da empresa ferroviária (hoje em dia não sei como está), terminava em Jurubatuba. Chegando lá vimos que tinha gente que pegava um outro trem. Então, o que é isso? Descobrimos que tinha um trem que era clandestino.

Dieter: Clandestino?

Odette: Sim. Coitados dos pobres que moravam na beira da represa, tinham de andar a pé da beira da represa até Jurubatuba, isso às 4h, 5h da manhã e à meia noite quando voltavam. O Aloysio Nunes, hoje senador, em um comício para ganhar voto, prometeu para eles que iria, de qualquer jeito, por um trem. Bem, mas lá é área de proteção de manancial, não pode funcionar uma linha de trem. Então ele pôs o trem, mas não podia colocar no mapa. Os órgãos ambientais não podiam saber e era aquela coisa absolutamente precária. Se você não faz trabalho de campo, você não fica sabendo de nada disso. E confirmou, aquele povo votou nele e vai votar sempre. O clientelismo é uma coisa que atravessa a política. Bom, nós descobrimos isso e todo mundo queria ir ver o trem, andar nele. Um dia chegou aqui com a mulher o Raymond Guglielmo, professor que veio lá de Paris, e eu perguntei para ele: “Quer andar no trem?”. Coitado, ele ficou com tanto medo. Ele me agarrava e eu dizia para ele;

“Não vai acontecer nada” e ele perguntava: “Tá acostumada?” Eu respondia “Tô”. Esse trenzinho passava no meio de favela, você olhava, tinha cama, tinha fogão. Você estava calmo no trem esperando chegar à beira da represa, de repente alguém subia no banco, ia em cima do trem e o Guglielmo dizia: “Olha, o que aquele moço esta fazendo?” Eu dizia: “Calma”...

Dieter: Nos anos 70?

Odette: Agora, faz pouquíssimo tempo isso. Então, no trabalho de campo você não para de descobrir. Mesmo quando parece que você não esta descobrindo, você está. Descemos do trem, eu e os estudantes, todo mundo estranhando aquele bando de gente. Uns diziam “Tô com medo” e eu dizia “Não, não tem que ter medo, a gente fica junto”. E conversava, sempre conversava. Eu me lembro uma primeira vez, eu falei: “Vamos entrar por aqui”. Tudo ao acaso, eu não conhecia nada. Chegamos num lugar que parecia o fim do mundo. “O que é isso?” diziam os alunos. Tinha uma superfície muito grande como o terreno todo desse prédio [referindo-se ao prédio de Geografia e História da USP], com uma lâmina de barro, parecia uma cratera da lua. Uma coisa imensa. Nós passamos nesse caminho por uma escola pública, casas modestas, quitandeiro, uma padaria, de repente a gente se deparou com aquilo lá. Nós andamos, teve gente que atolou nos lugares que eram mais moles. Ainda bem que ninguém reclamou. Fomos andando até que um guarda apareceu e falou “Vocês não podem passar daí, o que vocês estão querendo?”. Eu respondi: “Nós não queremos nada. Queremos ver onde vai dar isso”. Ele falou: “Ali é a represa”. Virando ali era a beira da represa. Aí a pesquisa aconteceu e foi muito interessante. Teve até um menino que tocou para frente a pesquisa. Por que tem isso: você se depara com as situações. E alguém toca ou não toca para frente. O professor não pode fazer tudo. Aí o que aconteceu: as grandes construtoras faziam um trabalho

com um jato de água da própria represa lavando esse solo, que agora não lembro nome, que não era duro. As colinas em volta da represa não são graníticas. Então eles lavavam o solo e separavam o que era quartzo. Faziam uma separação de argila e quartzo das colinas. Ora, para fazer essa lavagem você modifica completamente o meio ambiente. Com essa lavagem levavam a areia, o quartzo, para as construções em São Paulo. Tinha um rapaz que fazia estágio na Cetesb que foi verificar com a gente as licenças ambientais e era tudo meio irregular, ou seja, o sujeito com licença para fazer isso só que estava fazendo aquilo. E o estrago era fenomenal. E o povo convivendo muito bem com isso. O que o menino descobriu? Era ali onde estava o maior problema: aquela escola pela qual passamos tinha um convênio com a empresa que fazia essa exploração. A empresa plantaria uma certa quantidade de árvores onde fazia a exploração, ou seja, ia fazer uma regeneração no local onde explorava. Comecei a olhar e nas bordas já estava a regeneração, algumas plantinhas de tamanho pequeno porque não progrediam. Aquela lâmina de argila não permite a aeração, até porque o solo foi tirado, lavado, não tinha mais solo. É só um exemplo que estou dando que a gente descobre com trabalho de campo. Este menino que era estagiário da Cetesb pegou o assunto e virou o estudo dele.

Dieter: Se a gente fizer um levantamento dos TGIs [Trabalhos de Graduação Individual], com certeza tem uma série dos resultados dos nossos trabalhos de campo, que nasceram como novos questionamentos durante os trabalhos de campo. Nem sempre do jeito como o professor queria incentivar... O trabalho de campo é importante em um momento, mas quando é para desenvolver uma pesquisa posterior é muito importante aparecerem outras perguntas. É o trabalho de campo como um poço de novos questionamentos, não só de novas informações, mas produção de novas perguntas...

Odette: É muito importante em um trabalho de campo que os alunos conversem no lugar onde estão. Tem que haver alguma apropriação. E não é algo que o professor pode, a priori, elaborar um questionário. Não, é inusitado mesmo. Aliás, o que se espera é que o inusitado venha.

Dieter: Isso implica uma coisa que a maioria dos trabalhos de campo não dispõe: tempo para fazê-lo. Também tem as suas vantagens, mas não pode ter um roteiro agendado, fixo. O trabalho de campo fica mais rico quando há a possibilidade de encontrar coisas, de descobrir coisas. E aí tem esse preparo necessário e a predisposição do estudante de querer conversar, se agrupar em pequenos grupos, ou mesmo, sozinho para sondar isso.

Odette: Nessa região mesmo que nós andamos e que eu fui muitas vezes - mudavam as turmas e eu continuava -, teve também um fenômeno que resultou, de fato, em muitos trabalhos: a sensibilização que alguns moradores tinham no lugar em relação aos pais, que às 11h da noite tinham de sair com frio ou com chuva e ir ao ponto de ônibus pegar as filhas. Porque a violência era muito grande, ninguém arriscava e quem estudava à noite tinha de chegar em casa. Lembro de uma aluna que escreveu um texto que dizia que os pais saíam cansados com o paletó nas costas para esperar as moças que podiam descer do ônibus, mas não podiam circular. Pobreza é muito difícil.

AGB: Uma coisa que observamos aqui na trajetória de vocês é o trabalho de campo para a pesquisa individual. Falem um pouco sobre isso para a gente...

Dieter: Enquanto professor de Geografia, eu estou aqui por causa de um trabalho de campo feito para o desenvolvimento da minha tese de doutorado. O trabalho tinha uma temática já

preparada, que havia sido incentivada por uma dessas viagens de “mochileiro”, mas também da minha experiência como estudante visitante aqui no Brasil. Tinha esse incentivo, mas também teve uma estadia de um ano no Nordeste do Brasil para desenvolver a pesquisa de campo para um doutorado defendido numa universidade alemã, onde tinha um centro de estudos latino-americanos. Então, a minha aproximação e a continuação da convivência com a Geografia do Brasil eram exatamente um ano de trabalho de campo em Pernambuco, obviamente também para aprofundar os conhecimentos teóricos, não só ser caçador de borboletas, naturalista, que viaja pelo interior para classificar tipologias. Obviamente, também chegando à biblioteca, no Instituto Joaquim Nabuco, já era trabalho de campo para mim e era ao mesmo tempo um aprofundamento da bibliografia de estudos teóricos para discutir e criticar o dualismo, como se pensava predominantemente no Brasil. Mas ao mesmo tempo era para conhecer mais profundamente (sempre a gente acha que é pouco) quatro municípios do interior do estado de Pernambuco. E é diferente porque não era uma atividade didática, era para pesquisar, voltar, conversar, fuçar, contrapor, criar tensões entre pessoas com quem falava, famílias de coronéis diferentes, o Estado e os movimentos sociais... Os movimentos sociais organizados em sindicatos e movimentos fora dos sindicatos. Era a avalanche do processo de modernização que chegava ao interior. Onde eu estudava, na beira do rio São Francisco, tinha uma utilização da agricultura tradicional, criação de bode e ocorreu para uma intensificação muito forte de plantações de cebola na época. Era no município de Floresta, onde pouco depois as ilhas viraram os grandes centros de plantação de maconha, virou a rota da maconha. Até vamos poder pensar a maconha também como um símbolo de modernização dessa agricultura. Então, como meu estudo era sobre migrações, era para entender a partir do trabalho de campo, das conversas e das observações, como o processo da mobilização do trabalho se operacionalizava. Acho que a maioria

das pesquisas que nós conhecemos de Geografia tem um grande fundamento na pesquisa do campo, quer dizer, pesquisa do campo, que não vamos confundir com a atividade pedagógica de estudo do meio, trabalho de campo, excursão...

Odette: Como dizem os franceses, é “sur le terrain”. Sobre o terreno.

Dieter: Para mim o trabalho de campo era a porta de entrada para entrar com mais ênfase na Geografia... No ensino da Geografia, na Geografia acadêmica brasileira. Não sei se dei uma grande contribuição para a Geografia alemã com os meus conhecimentos sobre o Brasil, mas de vez em quando eu vejo ainda citações de alguns que escrevem sobre migrações na América Latina colocando o exemplo das minhas pesquisas sobre o Nordeste. Era bem diferente do que a Odette vai contar, ela vai fazer a pesquisa de campo no quintal da casa dela.

Odette: Nem tudo é tão bom, nem tudo é perfeito, nem tudo responde ao que em tese parece mais correto, não é? Eu fiz essa pesquisa de doutoramento, que é sobre os rios, em arquivo. Só que o caminho para chegar ao arquivo é que não foi nesta relação empírica, neste universo empírico... Eu não discuti e contrapus teses sobre os rios. Até porque nem existia. Então, onde estava essa aproximação geográfica? Simples, já estava no objeto! Andando com os alunos por aí eu já ficava interrogando e os alunos admitiam, falavam do rio Pinheiros e do rio Tietê como se fossem naturais. E isso para mim era um grande problema. Quanto mais eu estudava mais distante ficavam os rios daquilo que os viajantes tinham descrito... Estava muito longe disso. Então tinham processos escondidos, não é? Mas a naturalização de processos históricos e sociais é comum na nossa maneira de raciocinar. Nós somos sujeitos históricos que somos teóricos. A gente não precisa fazer uma apropriação imediata e refletir, a

gente sempre reflete teoricamente, ou seja, é como se fosse assim, não passa necessariamente por apropriação. Então ficava simples os alunos admitirem que os rios Pinheiros e Tietê eram coisas que não se colocavam no plano do consciente, do problemático, não existia isto. Mas quanto mais eu me relacionava com documentos e com os alunos, mais eu via a necessidade de dizer: “Olha, não é assim, por favor, não se pode naturalizar os processos que são da história”. Isso é uma grande alienação, tem uma alienação fundamental nisso. E foi por isso, por uma questão de verificação desta relação de exterioridade com o mundo que eu acabei indo para os arquivos. E eu tive muita sorte, eu sempre digo isso, porque achei arquivos ótimos, o que não é fácil. Depois eu quis fazer muita pesquisa, é difícil achar bons arquivos. Os historiadores que o digam. Então, esse trabalho sobre o rio Pinheiros parece que é o que as pessoas mais gostam, o que os alunos mais gostam, é um trabalho que tem esta questão com o entendimento do mundo e uma pesquisa que sai de uma formulação categorial. Tem os pressupostos teóricos que já eram uma aquisição nossa na década de 80. Eu me lembro que em 82 eu fui conversar na Emplasa. A pessoa que me recebeu foi um engenheiro. O que ele falou para mim foi “Ai, mas que prazer” e aquele monte de coisas. “Ah! Mas o Pinheiros você vai estudar? Para com isso! Aquilo lá só atrapalha”. Eu saí de lá e falei, “Ah, mas é o Pinheiros mesmo”. É isso mesmo, ele nem sabe por que eu estou perguntando essas coisas para ele. E foi assim, essa luta dessa pesquisa foi muito bonita porque tinha bons arquivos, mas você não chega assim no bom arquivo, sabe? Pode desistir. Devagar eu compreendi uma coisa: o governo do Estado lidava com o rio Pinheiros através da Eletropaulo. E a prefeitura do Município de São Paulo com o rio Tietê. Eu falei, mas o que é isso? Toda vida é essa encrenca. Então, só a história pode te dizer por que as instituições acabam se relacionando dessa forma no mundo, não é? Mas aí eu já descobria que eu queria explicar que o rio Pinheiros não era mais um rio, que existia um processo que

precisava ser revelado. Não se pode naturalizar. Tudo isso eu já tinha entendido e consegui localizar na Eletropaulo. Eu chegava lá e tinha o procedimento burocrático: vinha a recepcionista e ela me mandava para a biblioteca. Eu chegava de manhã, ela me dava um crachá, já agradecia “a senhora de novo, tal”, e eu na biblioteca. Um dia me enchi e falei pra ela “olha, não quero. Eu quero documentos, sabe por quê?”, e expliquei para ela: “Eu preciso estudar isso, isso...”. “Ah! Como é que a senhora sabe que tem aqui?” e eu falei: “porque é aqui”. E contei um pouco dos livros que eu tinha lido, que estavam na biblioteca. Uma hora falei pra ela: “Qual é o nome do presidente da Eletropaulo?” Aí ela me deu, e eu falei, “escreve para mim num papel.” Peguei o papelzinho e fui embora. Brava que ninguém imagina! Cheguei na minha casa e escrevi uma carta para ele, era o Antonio Russo, foi uma carta bem simples. Falei “olha, tenho frequentado a biblioteca da Eletropaulo, mas do que eu precisava e que estava a disposição eu já fiz uso. Eu preciso de documentos sobre o rio Pinheiros, porque foi a Light que fez a inversão do curso e isso precisa ser documentado e discutido. Eu espero contar com a sua boa vontade” e sei lá o que mais eu escrevi. Curtíssima carta, botei telefone, ao mesmo tempo em um tom bravo. Passada uma semana, sei lá, uns dias, toca o telefone na minha casa, era uma secretária que quis falar comigo: “olha, eu sou a secretária do seu Antonio Russo. Ele está perguntando o que é que a senhora quer”. Eu virei e falei: “eu quero falar com ele”. Aí ela foi lá, marcou o dia, voltou, e eu fui. E quando chegou lá, o homem tão ocupado, coitado, e eu lá na frente dele, ele dizia assim para mim, “A senhora tem certeza que o que a senhora quer está aqui?” E aí eu dizia “Tenho!” “Porque que a senhora tem certeza?” Aí eu falava mais algumas coisas. Então ele tocou uma campainha, chamou um sujeito e falou: “Olha, essa senhora vai trabalhar aqui, ela precisa ser atendida no que for necessário”. O sujeito pôs três funcionários para me ajudar. Me deu uma mesa e eu ia diariamente, aquilo para mim era uma festa, entrava às 8h da

manhã, não tinha ninguém e estava lá eu esperando abrir. Aquele monte de documento. Monte! Eu li 10 mil, está tudo escrito lá na documentação. Era muito documento, muito bom! Devia ter feito um trabalho melhor, não é? Eu me diverti muito!

Dieter: Eu não vou querer dar corda, mas quando eu falei do quintal da casa dela, pensei mais na Livre Docência da Odette, que também teve um envolvimento de entrevistas, de pesquisa de campo...

Odette: É... Eu vou chegar lá. Então essa pesquisa tem deficiências, eu li uns dias há pouco. Mas resolve um pouco o problema de não naturalizar os processos sociais. Eu acho que resolve um pouquinho. Ao começar a dar o curso de Urbana, eu comecei a refletir sobre a metropolização, sobre a cidade de São Paulo. E tudo se ligava com a minha experiência de vida, de ter nascido em São Paulo na década de 1930, ter frequentado escola, ter circulado, namorado, enfim, na cidade. Ter feito política, fugido da polícia, tudo, não é... E tudo é um conhecimento que parecia... Eu me lembro que uma vez eu fiz um trabalho para aquelas reuniões do Milton Santos sobre o centro empresarial aqui de São Paulo. Cheguei para o Dieter e falei: eu estou gostando dessa história, acho que vou estudar essas empresas da globalização. E ele falou “Não, estuda o bairro!”. E eu pensava: “o que esse alemão está falando?” Mas é isso, é essa verificação prática do conhecimento... Pode ser absolutamente irrelevante, ou você pode mobilizar categorias da História para, enfim, articular o conhecimento que você tem e tornar legível para os alunos, para a sociedade.

Dieter: Ainda mais quando se trata de um momento de crise e de decadência, a formação fica mais clara na nossa cabeça.

Odette: Ah, fica mais clara, ela vem com tudo. Então, eu tinha uma experiência de pensar a urbanização a partir da cidade. Quantos filmes que eu fui ver por causa disso, para ver se

confirmava ou, enfim, a experiência de ver como a cidade existia para os habitantes, para a coletividade. À época, por exemplo, a importância dos cinemas da cidade na vida das pessoas, dos bailes, dos clubes... E tudo encaminhava meu raciocínio para o fato de que a urbanização acabou sendo um processo de fragmentação nas formas de uso do tempo e do espaço. E então o bairro, que tinha sido aquela unidade de vida imediata, de onde vinham as experiências densas que eu poderia descrever e que eu fui pesquisar e conversar com meio mundo... Como aquilo foi sendo deslocado, foi encolhendo, para não falar desaparecendo. Foi ficando muito residual em relação à modernidade, em relação aos processos gerais de modernização. E tudo isso vem da experiência com a prática social.

Dieter: Você podia falar de alguma das deliciosas pesquisas de campo, entrevistas que você fez com as pessoas...

Odette: Posso. Eu conheci um senhor andando por lá... Aí então a coisa mais engraçada foi isso: “A professora vai fazer Livre Docência. O que ela vai fazer?” “Vai estudar o bairro, o bairro do Limão”. Eu tinha um arcabouço mais ou menos organizado de conhecimento sobre um bairro, fui ver afinal como é que se entendia essa história do bairro na literatura, e encontrei coisas que vocês nem podem imaginar. Maravilhosas. Vou falar primeiro a ideia e depois do bairro mesmo. Eu me lembro que o Antonio Candido distingue uma cultura rústica no seu trabalho, e onde ele achou essa cultura rústica? Era uma cultura que reunia ainda uma população tradicional do campo e eles habitavam bairros rurais, e ele descreve como eles comiam, como era a vida, como era aquilo tudo. Eu encontrava muita analogia com os caipiras que eu conheci do entorno de São Paulo. Então já começou bem o meu trabalho: eu ia encontrar caipiras! Aonde eu ia achar os caipiras? Era de morrer! Eu lembro do dia e da hora que, lendo Antonio Candido, ele me esclareceu de uma

questão fundamental. Eu tinha um ressentimento, sem saber o porquê, com o Monteiro Lobato. Tenho. Isso nunca vai passar. De fato ele escreveu coisas, ele era muito criativo e tudo. Mas ele escreveu um livro sobre o caipira que é uma vergonha. Ele escreveu um livro sobre o caipira que a desgraça do mundo que ele conheceu se devia ao caipira. Você lê o Antonio Candido, não tem nada de enaltecer o caipira, tem que compreender ele no seu contexto histórico, não é? No seu quadro de vida. Lendo Antonio Candido, já com essa pulga velha crescendo atrás da orelha, vira o Antonio Candido e diz assim: “Bom, o caipira era assim, tinha festa, mas ele era um sujeito de desnecessidade de trabalho”. Ele resolveu o meu problema, ele não é atrasado, não existe isso, ele não é nada daquilo que a literatura dizia na cola do Monteiro Lobato. Ele vive o seu universo cultural. E cada vez mais eu estava convencida que eu nasci e cresci num bairro caipira. Mas eu tinha que achar esse testemunho de São Paulo... Mas eu tinha outro problema. Por que estudar o Limão? Porque na minha tese da metropolização, o bairro do Limão tinha nascido, se formado, crescido e acabado em 100 anos. Então Santo Amaro era mais difícil de discutir isso, mas com o Limão eu tinha o pé no chão e podia dizer que a metropolização implode as estruturas. Ela implode por dentro e depois explode, voa tudo. Ah, essa era a ideia plástica que eu tinha para achar o caminho teórico. E o Antonio Candido compreendia perfeitamente o caipira. Fui ao professor Petrone, que tinha uma descrição curta perfeita do caipira, fui ao Caio Prado Jr., que não era tão convincente, mas também era bom. E aí, onde eu vou achar os caipiras do entorno de São Paulo remanescentes no bairro do Limão? Eis que um dia, batendo lá nas portas, me atende um senhor de uns setenta e poucos anos: “E o que a senhora quer?” Eu falei pra ele: “Você não é da família tal?” Aí eu já conhecia bastante coisa... “Sou.” Aí eu falei: “Então conversa comigo, conta as coisas que você sabe.” “Eu?” Aí eu falei: “É.” “Eu num sei nada...” Aí eu falei: “Então tá bom, então fala um nada aí...” Aí ele me mandou

entrar e fez café. Pesquisa, gente, vocês nem imaginam, pode não dar nada, leva a vida inteira para você achar um negócio desses. Sentei lá e ele começou a contar que a avó dele era Nhá... Quando ele falou que a avô dele era Nhô não sei o que... Nhô era o lugar do senhor entre os caipiras, é Nhá e Nhô. Aí eu falei “que bom! Essa pessoa é descendente de caipira do entorno de São Paulo”. Ele começou a contar da avó que tinha vindo de Santo Amaro. Mas como? De barco, porque eles faziam barco, aí ele explicava, ele era menino e via. O avô e avó derrubavam a árvore da várzea, pegavam aqueles troncos, faziam a canoa, que ele chamou “poranga”. Poranga é uma coisa indígena. Com um instrumento que ele falou o nome, que era “xingó”. E aí eu lá nessa conversa, era de não dormir, uma lindíssima história. De fato, o bairro do Limão teve caipiras, que vieram de Santo Amaro, tinham hábitos indígenas, porque os indígenas de São Paulo, à medida que foram se tornando rarefeitos nas áreas em que a propriedade se estabelecia, se refugiavam em Santo Amaro. Então, lá vai ter sempre um número maior de indígenas e descendentes que os censos vão poder constar. A avó do meu entrevistado tinha essa história e correspondia também a essa população pobre, muito pobre, que não tem propriedade e vai morando em beira de rio e córrego porque são terras não contestadas. Então, aí eu já estava estudando o bairro do Limão? O primeiro documento que eu achei, fora das entrevistas, foi de 1903, que era uma autorização da Cúria Metropolitana para rezar uma missa numa capela de caipiras no bairro do Limão. A pesquisa estava ganhando realidade. E foi caminhando. Analisei e vi quanto foi sofrido, muito sofrido, o encontro dos caipiras com os imigrantes. Bem rapidinho... No primeiro momento, tem casamentos entre grupos étnicos também. A segunda rodada não acontece, os imigrantes se separam dos caipiras, passam a identificá-los como uma população pobre, miserável, sem eira nem beira. Os imigrantes trazem uma religião que era um fator importante de agregação da vida, porque não tinha uma vida

civil política que vinha do Estado, ela vinha ainda da religião, e eles eram católicos romanos e os caipiras eram do catolicismo rústico. Aí eu fui ler aqueles padres, bispos do Rio de Janeiro e de Petrópolis que escrevem a história do catolicismo. Aí quase que eu perco a minha tese porque eu fiquei na história do catolicismo... Voltei nela e achei o lugar. O catolicismo rústico era um catolicismo com muita festa, muita reza, muita superstição, porque tinha se deslocado da matriz católica e estava há 300 anos sem contato, meio disseminada. Aí você pega o Sérgio Buarque e vai descobrindo em “Caminhos e fronteiras” como é que eles ficavam, como eles sobreviviam também. Bom, então continua católico, continua religioso, mas é diferente. Enfim, a pesquisa não para. Um dia descobre tal coisa e vai... Entre os imigrantes muitos já trabalhavam na cidade. Nesta complicação do perfil étnico destes dois conjuntos vai resultar uma síntese e o que acaba vencendo é o catolicismo romano, cheio de medo, cheio de semana santa, de roxo, de preto, que era completamente diferente daquela coisa festiva do catolicismo rústico. Esses dois grupos vão se reunir e acabar participando de uma festa que não era mais religiosa, que foi a primeira festa do povo fora da perspectiva da igreja, o futebol. E o futebol junta os dois. Só que tinha uma coisa, era difícil dos caipiras entenderem o futebol. Eles gostavam daquela história de ir para lá, de ver toda aquela gente, de chutar também, mas regras não dava. Eu colhi um depoimento que era alguém falando de um velho que ia ver o filho jogar com os italianos no tal campo na várzea... E os caipiras gostavam muito de ver porque isso significava que o filho estava sendo aceito. Ele falava assim: “Bataiáram, bataiáram o gol do meu fio, só fizeram oito”. Quer dizer... No jogo, lutaram, lutaram, que é “bataiáram no gol do meu filho para fazer gol”, mas “só fizeram oito”, ou seja, ele não deixou fazer mais, olha como ele é ótimo. Enfim, isso são coisas contadas, um pouco de folclore que a gente recolhe também.

Dieter: É, mas não reduz o trabalho de campo e a pesquisa do campo a folclore porque você mostra exatamente o caminho que constrói junto da pesquisa, da reflexão teórica e da pesquisa no arquivo, além do incentivo para pesquisar que você encontra no trabalho de campo. Apesar da sua exposição privilegiar um pouco a pesquisa no arquivo, a partir da tese de doutorado dava um pouco a impressão de que você gostava mais de estudar Antonio Candido...

Odette: Claro, eu gostava mais... Mas não era muito compreendida, podia parecer que eu estivesse voltando a uma monografia de bairro. Então eu quero esclarecer...

Dieter: Muito bom que não foi monografia de bairro, é um trabalho de referência para estudar metrópole. Você não estudou bairro, estudou metrópole.

Odette: Quando eu estudo o bairro, eu estudo a célula, eu vou na menor parte, eu vou na particularidade, naquela que compõe o todo. O bairro compõe o todo. Então, ali, eu podia trazer as categorias da história e fazer as perguntas que eu posso fazer refletindo mesmo sobre o conhecimento nos seus termos mais gerais, e também mais particulares, como era o bairro. Isto que era para mim interessante. O que eu queria afinal? Eu estava empenhada em ler Lefebvre e tanta gente dizendo que a urbanização é um processo que fragmenta, que implode e que explode, mas eu queria analisar efetivamente isto. Então a pesquisa é correr atrás disso e verificar de fato o que encolheu, o que desapareceu, como é que foi essa dissolução e como o novo foi caindo aqui, porque sempre tem um novo, o novo é latente. Qual era a direção do novo? Nesse sentido, eu considero até agora que o bairro era um nível da realidade privilegiado para isso. E o futebol foi uma coisa linda mesmo. Na pesquisa do futebol tive várias entrevistas, mas ela foi feita também em arquivo. Quem me ajudou muito foi a Betty Heidemann. Era uma

pesquisa que eu investiguei num jornal que se chamava Gazeta Esportiva, saía diariamente e era um jornal quase todo sobre futebol. Todo mundo comprava aquilo para comentar as coisas que já sabia, era impressionante. De segunda-feira, esse jornal tinha uma ou duas páginas sobre futebol de várzea, sobre o que estava acontecendo fora daquele circuito mais convencional do futebol. Nós copiamos e lemos todos os jornais desde 1920 até quando ele existiu em 1980, toda segunda-feira, e era uma coisa muito deliciosa... Tinham brigas, composições, festa que não acabava mais, política... Os políticos populistas... Quando acaba a ditadura de Getúlio Vargas, o que a gente encontra de político andando por dentro do futebol de várzea, oferecendo camisa, bola e campo... Mas também tem a crítica junto, os mais críticos falavam: “Eles oferecem campo, mas é uma coisa que não vão dar”, e não era só isso porque esses imigrantes participavam do movimento operário das primeiras décadas do século XX. Em 1916 teve uma grande greve, quando o bairro do Limão era muito pequeno. A população trabalhadora e operariada mesmo estava no Brás, na Mooca e no Belenzinho, e tem livros sobre esses episódios... Na Barra Funda também tinha, mas ainda era menos. Na Barra Funda, Lapa e Água Branca o movimento operário estava começando. A Lapa tinha de antes... Antes da balsa existia uma portuguesa por ali, na beira do rio Tietê, que tinha o barco e atravessava quem quisesse por alguns trocados, depois foi implantada uma balsa, e quando os operários começaram a morar além Tietê já tinham várias balsas. E eu fui coletar os dados de passageiros, a balsa do bairro do Limão era a de maior movimento. Aí outro problema: eu não entendia isso, dizia “Mas como? Esse pingo de casa...”. Depois, descobri que o loteamento de Casa Verde é um bairro operário no meio dos caipiras. Esse loteamento que vai desde a ponte da avenida Rudge até o Baruel, até o sopé mesmo da Cantareira, era do Maxwell Rudge. Ele não começou o loteamento por essas terras que hoje são mais nobres, mas sim por Vila Tietê, que dava na divisa do rio Mandaqui, onde os caipiras

que vieram de Santo Amaro se implantavam. Por que ele começou esse loteamento de operários ali? Por causa das fábricas da Água Branca e da Barra Funda e porque o bairro do Limão tinha balsa e a Casa Verde não tinha ponte.

Dieter: E a ponte do Limão vai para lá, não é?

Odette: É... São momentos do conhecimento que foi possível serem reconstituídos na pesquisa de documentos, na pesquisa de conversas. Tem coisas como essa do futebol, que eu gosto muito. Gostei muito de ler, por exemplo, a imprensa esportiva da época, que quando falava do jogo de várzea, falava assim: “Tinha mulheres e elas até que estavam bem vestidas”. Eu tinha um ódio disso porque você percebe o preconceito em relação aos pobres, às várzeas, ao futebol de várzea, aos moradores... Tinha de fato uma imprensa que era a elite falando de si mesma. Quando ela tinha de falar do que não era de si mesma era neste tom, era deslocando com expressões, impressionante... E essas festas mobilizavam famílias inteiras. Isso que eu estou contando agora foi contado pelo professor Petrone para nós dois, ele fundou um clube, um time, que era na alameda Tietê.

Dieter: Jogava na Rebouças...

Odette: Na Rebouças? Eu achava que era na alameda Tietê... E ele ao contar as coisas para a gente dizia assim: “Mas o bonito mesmo era que nos fins de semana eram só caminhões, pra lá e pra cá, com gente”. As pessoas conheciam toda a cidade, todos os bairros, por causa dos jogos, porque se deslocavam atrás dos jogos, das taças. Taças numerosíssimas eram disputadas. Foi a primeira grande festa do povo. O meu marido [Manoel Seabra] agora anda fazendo um levantamento dos campos de várzea, ele fica me mostrando e tal, mas eu fico também com a outra leitura que eu fiz. Quando alguém queria falar que tinha muito,

e não sabe dizer muito, fala assim: “Era tanto... Uns 700” para terem uma ideia do volume que era o jogo de futebol de várzea... “Uns 700”, essa entrevista foi colhida por Ecléa Bosi. O próprio futebol vai mostrando as suas contradições já nesse nível em que tudo é uma grande festa porque o indivíduo que se destaca tem a perspectiva de ser profissional. A grande contradição era entre o amadorismo e o profissionalismo. Quando o indivíduo se destaca e vai jogar no Paulistano, não vai mais nem para a fábrica. Não tinha isso ainda de ser contratado, mas ele ganha o bicho depois do jogo, ganha notoriedade no bairro e vai viver disso. Começa o profissionalismo, e o profissionalismo é uma glória. O que não aparece na época é que quanto mais cresce o profissionalismo, menos o amadorismo progride. Amadorismo tem a ver com amador, ou seja, é do coração mesmo, é uma prática de devoção. O profissionalismo não é isso, ele mina as relações de amadorismo, isso eu exploro na minha tese. E o que é interessante é a contradição que já estava na origem, sempre está na origem. O novo era a negação daquilo que me parecia tão bonito. Em todas as relações que eu estudei, fui vendo como é que o novo negava aquilo que era a afirmação positiva do bairro. Esta afirmação era de uma coletividade de bairro autorreferenciada na medida em que o outro a reconhecia como habitante do além Tietê, morador do Limão, e à medida que moços da Barra Funda vinham namorar as moças do Limão e os do Limão se opunham. O processo é de universalização das relações, mas criava constrangimentos.

Dieter: Você morava no Limão quando começou a estudar aqui na Cidade Universitária?

Odette: Sim, eu morava. Quando eu passei no vestibular, escreveram num jornal do Limão: “As pessoas pensam que no bairro do Limão só tem gente ignorante”... Mas então foi isso, eu aproveitei muito da minha experiência de vida, eu tentei

não aproveitar demais e sempre submeter à crítica. Tinha uma pessoa que fazia a crítica, a Margarida [Maria de Andrade] se dispôs a ser a consciência crítica e foi bom. Depois eu fiz algumas excursões pro Limão com estudantes. Mas aquele lado da cidade, de quando ainda era cidade, ficou isolado por muito tempo, o rio Tietê era uma barreira difícil de transpor. Agora tem uma coisa, era difícil morrer com enchente, porque esse conhecimento prático o caipira tinha. Olha o lugar que foi escolhido para fazer a igreja do bairro do Limão, que foi a tal primeira capela de 1903, era um pequeno promontório de sedimentação, que vinha desses vales curtinhas e mais sulcados do sul da Cantareira. Isso é conhecimento que a vida dá, porque ninguém disse para o caipira que ali era melhor. É muito difícil você encontrar pessoas que morreram devido às enchentes, tinha mortes, mas de outro jeito. Quando já tinha balsa, que era oficial da prefeitura, tinha um balseiro com um remo, mas a balsa não ficava solta, porque senão a correnteza podia levar. Tinha um estirão de aço que corria com carretilha, mantendo a balsa na mesma direção, pois tinha de aportar no porto certo da margem. Bom, mas a balsa tinha horário e como forma de não depender exclusivamente dela para fazer a travessia um italiano inventou um cinto com uma carretilha, que ele prendia no cabo e atravessava muitas vezes para namorar na Barra Funda.

Dieter: E para voltar tarde de madrugada...

Odette: Estas descobertas você vai tirando do baú das pessoas.

Dieter: Perguntar mais uma vez agora sobre essa retrospectiva que você fez nas suas duas grandes pesquisas, da relação entre arquivo e pesquisa de campo, porque me dá a impressão de quando você fala da uma ênfase muito grande aos documentos que você acha... O que você ganhou com a pesquisa de campo?

Odette: Com a pesquisa de campo eu ganho tudo, não é? O sentimento do mundo. Descobrir, por exemplo, este senhor que era descendente da Nhá que eu não sei o nome. Eu peguei no registro cartorial o nome Maria do Sacramento, ela tinha um apelido que não lembro mais. Você tem razão, eu guardei o nome cartorial e não guardei o Nhá não sei o que, o sentimento do mundo você tem que estar lá, mas tem o peso da universidade, tem o peso da ciência. A gente não se livra disso. Toda essa história, tudo isso, eu preciso contar de onde ela vem...

Dieter: Como ela está registrada, documentada...

Odette: Como ela está registrada e se existe registro. A pesquisa que você conversa, que você encontra dá a dimensão humana, dá o sentimento mesmo. Se bem que quando eu fui naqueles jornais de 1929 e vi aquela briga toda por causa da enchente, eu também ganhei sentimento, participei daquilo lá. Eu acho que é isso mesmo. Tem um texto do Lefebvre, na fase em que ele está na ebulição do pensando sobre a urbanização como movimento da história, que começa assim: “A cultura de aldeia terminou, a sociedade é urbana.”, e eu não li o resto e falei, “Ah, tá bom”. É um pouco isso que eu quis fazer, quis dizer como é no miúdo essa passagem, porque a cultura de aldeia é uma cultura que durou 15 mil anos. Ela está fundada nos pequenos grupos, que são comunidades de sangue, de trabalho etc. O Lefebvre vem com uma assertiva forte e é a partir daí que é preciso raciocinar. Acho que é possível que eu tenha feito até uma volta atrás, mas no fundo era isso, chegou à sociedade urbana e eu pude ver como meu bairro chegou...

AGB: Para terminar: se vocês tivessem de falar uma última coisa aos estudantes que estão começando a estudar Geografia e que estão ou não interessados em trabalhos de campo. O que vocês acham que seria importante?

Dieter: A frase seria: “Você não sabe o que está perdendo”. É pela observação, pelas conversas, pela busca da vida que a gente vai construir a rejeição à vida, a gente vai construir a crítica à vida, a gente vai criar a problematização da vida. Acho que os problemas surgem para a gente no empírico. A gente cria problemas do pensar e com os conceitos, mas eles só têm sentido quando existe alguma forma, algum elo entre essas curiosidades que brotam do empírico para pensar o mundo conceitualmente melhor. Então, não tem assim, o ovo e a galinha, tem que fazer trabalho de campo para poder discutir as categorias, ou tem que ir ao arquivo para depois verificar no campo se é realmente assim, ou descobrir o que tem de procurar mais no arquivo. Temos que ver este movimento, pois é só ele que enriquece a construção do conhecimento. O que quer dizer que quem ficar só no campo não vai entender tudo, mas quem ficar só na discussão categorial pode dar contribuições importantes, mas não vai satisfazer, pelo menos, pessoas que pensam como eu.

Odette: Meu recado é: olha, a gente cultiva, sabendo ou não, concepções de mundo, de conhecimento. E a universidade entra na nossa vida no processo de ganhar consciência das coisas e necessidades de conhecimento. Eu amei entrar na universidade, nossa, foi uma coisa muito boa. Agora, o trabalho de campo vem com naturalidade e se você estiver ligado num processo de conhecer, é uma condição necessária. É uma condição necessária essa de relacionar a sua motivação sensorial que o mundo traz. Ela é verificação prática, é uma busca enorme no sentido de compreender e, quando se consegue achar o lugar teórico, um privilégio. Então, o trabalho de campo não é separado disso, ele é um momento desse processo de conhecimento. É muito perigosa a universidade, se você se encantar, por exemplo, por respostas rápidas, por modelos, por agenciamentos e isso acontece na vida da gente também. Disso pode resultar um não conhecimento, não se pode perder na universidade a

oportunidade da construção do conhecimento, e o trabalho de campo é um dos níveis desse processo.

Dieter: Se a gente defende a importância do trabalho de campo não significa que de forma alguma defendemos uma rejeição da vida de estudo dentro da biblioteca. Tem que ir à biblioteca, tem que estudar nela até para sentir as experiências dos outros a partir dessa relação entre o mundo e a reflexão sobre o mundo. Então, não é que a construção do conhecimento se dá fora da torre de marfim, tem que se dar dentro e quebrar os muros dessa torre. Então todo mundo na biblioteca.

